UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS SANTA INÊS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E PEDAGOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA

CIONEIDE DE OLIVEIRA DE ARAÚJO PORTELA

RAFAEL COSTA SANTOS

OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS DAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA TOMAZ DE AQUINO BRINGEL EM SANTA INÊS-MA

Santa Inês

2024

CIONEIDE DE OLIVEIRA DE ARAÚJO PORTELA
RAFAEL COSTA SANTOS

OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS DAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA TOMAZ DE AQUINO BRINGEL EM SANTA INÊS -MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Mário Magalhães

Santa Inês
2024

Portela, Cioneide de Oliveira de Araújo.
Os desafios da Inclusão dos alunos Autistas dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Tomaz de Aquino Bringel em Santa Inês -MA. / Cioneide de Oliveira de Araújo Portela, Rafael Costa Santos. – Santa Inês - MA, 2024.

40 f .

Orientador: Prof . Dr. Francisco Mário Magalhaes.

Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia Licenciatura, Campus de Santa Inês, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

1. Autismo. 2. Inclusão. 3. Dificuldade. 4. Respeitar. I. Título.

CDU 616.896-056.36(812.1)

Elaborado pelo Bibliotecário Márcio André Pereira da Silva - CRB 13/862

CIONEIDE DE OLIVEIRA DE ARAÚJO PORTELA

RAFAEL COSTA SANTOS

OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS DAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA TOMAZ DE AQUINO BRINGEL

Monografia apresentada junto ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, para a obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Mário Magalhães

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Francisco Mário Magalhães

Prof. Waldelice Maria Ramos Mendes

2º EXAMINADOR (A)

Prof. Fagner Gomes do Nascimento

3º EXAMINADOR (A)

AGRADECIMENTOS

CIONEIDE DE OLIVEIRA DE ARAÚJO PORTELA

Gratidão primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade de prosseguir a caminhada dentro e fora da universidade, por cada amanhecer na esperança de novos aprendizados e pelo crescimento pessoal e coletivo, por ter colocado em minha vida pessoas especiais, que nunca mediram esforços para compartilhar seus conhecimentos e me ajudar durante a realização do curso de pedagogia.

À minha família, meus filhos Luanderson, Leiliane e principalmente minha filha Lucy-Anne, que dedicou muito do seu tempo para me orientar nas minhas necessidades acadêmicas. Ao meu esposo Leúde, por entender a minha ausência quando eu tinha que estar na universidade. Aos meus netos Henrique Gabriel, Lucca Luan, Luccy Luara, Maria Alice e Helena, por me proporcionarem a alegria de vó, quando o descanso era necessário.

Agradeço aos meus amigos de equipe Kássia Lima. Taís Galvão, Najála Linhares e meu companheiro de TCC Rafael Costa, por permanecermos juntos e superar as muitas dificuldades que apareceram pelo caminho, mas que no final sempre dava tudo certo.

Ao nosso orientador, prof. Dr. Francisco Mário, por fazer parte das nossas vidas no decorrer da graduação, pela calma, paciência e ensinamentos, por ter nos acolhido muito bem durante as orientações e por compartilhar conhecimento.

A todos, do fundo do meu coração, meus sinceros agradecimentos.

AGRADECIMENTOS

RAFAEL COSTA SANTOS

Gratidão a Deus por mais um ciclo que vem findando, pela vivência e experiência no ramo acadêmico e pelo aprendizado obtido durante toda a graduação.

À minha família que sempre me apoiou, aos amigos que estiveram presentes durante essa jornada, e aos professores, em especial o Prof. Dr. Francisco Mário Magalhães. Agradeço a minha companheira de TCC – Cioneide de Oliveira, pela paciência e complacência durante a nossa jornada rumo a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e a minha esposa Dr. Manoele Costa Rocha por estar ao meu lado durante os anos da graduação.

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos investigar os desafios que a escola pública Tomaz de Aquino Bringel tem na inclusão de alunos autistas no Ensino Fundamental, a fim de conceituar e conhecer a síndrome do espectro autista. Como procedimentos metodológicos foram utilizados a observação da escola e dos alunos, a aplicação de questionários para os professores da sala de TEA. Dessa forma, o trabalho foi fundamentado com base nos conceitos da Inclusão escolar e do Autismo, auxiliado por teóricos como: Eugênio Cunha (2015) e (2020), Ana Maria Tarcitano Santos (2008), C. Bosa (2002), entre outros, que em seus estudos enfatizam sobre os desafios enfrentados por quem possui a síndrome do espectro autista, e como é desenvolvida a inclusão escolar. Com esta pesquisa, concluiu -se que a inclusão escolar de crianças e jovens com autismo é um passo significativo em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: autismo; inclusão; dificuldade; respeitar; educação.

ABSTRACT

In this work, we aim to investigate the challenges that the Tomaz de Aquino Bringel public school has in including autistic students in elementary school, in order to conceptualize and understand the autistic aspect syndrome. Observation of the school and students and the application of questionnaires to teachers in the ASD classroom were used as methodological procedures. In this way, the work was based on the concepts of school inclusion and Autism, assisted by theorists such as: Eugênio Cunha (2015) and (2020), Ana Maria Tarci tano Santos (2008), C. Bosa (2002), among others, who in their studies emphasize the challenges faced by those with autistic aspect syndrome, and how it is developed school inclusion. With this research, it was concluded that the school inclusion of children and young people with autism is a significant step towards a more just and egalitarian society.

Keywords: autism; inclusion; difficulty; respect; education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7
2 O ESPECTRO AUTISTA E A INCLUSÃO ESCOLAR 8
2.1 O autismo 9
2.2 Inclusão Escolar 13
2.3 Desafios da inclusão de alunos autistas no Ensino Fundamental 14
3 METODOLOGIA 16
3.1 Tipo de Pesquisa 17
3.2 Corpus da Pesquisa 17
3.3 Instrumento e Coleta de Dados 18
3.4 Análise dos Instrumentos e Coleta de Dados 18
3.5 Análise da Pesquisa 22
3.6 Análise e discussão de dados 24
4 AUTISMO E INCLUSÃO NA ESCOLA TOMAZ DE AQUINO BRINGEL 27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 25
REFERÊNCIAS 30
APÊNDICES - QUESTIONÁRIOS 33

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno do desenvolvimento neurológico que afeta a comunicação, interação social e comportamento. Caracteriza-se por uma ampla gama de desafios, desde dificuldades na linguagem e na compreensão de sinais sociais até interesses específicos e comportamentos repetitivos. A inclusão escolar não apenas beneficia os alunos com autismo, proporcionando-lhes uma experiência educacional mais rica e satisfatória, mas também contribui para a formação de uma sociedade mais inclusiva e consciente da diversidade. Ao reconhecer e respeitar as diferenças, as escolas podem desempenhar um papel crucial na promoção do desenvolvimento e sucesso de todos os alunos, independente de suas características individuais.

A questão da inclusão escolar de crianças e jovens com autismo representa um desafio significativo na busca por uma sociedade mais igualitária e acolhedora. O autismo é um transtorno neurobiológico que afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamento. Cada indivíduo no espectro do autismo possui características únicas, o que demanda abordagens personalizadas para garantir seu pleno desenvolvimento. Logo, a inclusão escolar, nesse contexto, refere-se ao direito de todos os alunos, independentemente de suas habilidades e diferenças, participarem ativamente do ambiente educacional. O desafio está em proporcionar um espaço onde as necessidades específicas das crianças autistas sejam atendidas, garantindo que elas tenham acesso a oportunidades educacionais adequadas.

Neste cenário, a promoção da inclusão escolar de crianças com autismo não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma oportunidade de enriquecimento para toda a comunidade escolar. Ao compreender e respeitar as singularidades de cada aluno, a escola se torna um ambiente mais diversificado, onde a empatia, a compreensão e a aceitação florescem, preparando as novas gerações para conviverem de forma respeitosa e inclusiva na sociedade. Este processo demanda esforços coletivos, envolvendo educadores, familiares, e a sociedade em geral, para construir umambiente educacional verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

Para a realização dessa pesquisa, a fundamentação teórica está predominantemente nas obras de autores como Eugênio Cunha (2015) e (2020), Ana Maria Tarcitano Santos (2008), C. Bosa (2002), entre outros. Esses autores abordam, em seus estudos, os desafios enfrentados por indivíduos diagnosticados com o

transtorno do espectro autista, bem como as estratégias para promover a inclusão desses alunos.

Esta pesquisa ajudará a compreender os desafios da inclusão de alunos autistas na escola Tomaz de Aquino Bringel, e descrever as dificuldades de aprendizagem dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental.

A pesquisa abordará no referencial teórico o estudo sobre o Espectro Autista e a Inclusão Escolar, com subtópicos relacionados ao autismo, inclusão escolar e os desafios da inclusão de alunos autistas no ensino fundamental. Por meio deste estudo, propõe-se demonstrar que a inclusão é um instrumento essencial para disseminação de valores nas instituições educacionais, ponderando a igualdade de direitos e oportunidades para todos. A inclusão, em vista disso, desempenha um papel crucial na inserção da diversidade no ambiente escolar.

2 O ESPECTRO AUTISTA E A INCLUSÃO ESCOLAR

O autismo é um transtorno neurobiológico que impacta o desenvolvimento da comunicação, da interação social e do comportamento. Este transtorno abrange uma sucessão de condições, ocasionando uma diversidade nas manifestações e na intensidade dos sintomas observados entre os indivíduos. Essa condição desafia as concepções tradicionais sobre o funcionamento cognitivo e social, e destaca a importância de compreender e respeitar as diferentes formas de expressão e processamento no espectro autista.

> O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.
> Sinais de alerta no neurodesenvolvimento da criança podem ser percebidos nos primeiros meses de vida, sendo o diagnóstico estabelecido por volta dos 2 a 3 anos de idade. A prevalência é maior no sexo masculino. (BRASIL. Ministério da Saúde.)

É fundamental reconhecer que o espectro autista é vasto, variando desde casos em que a capacidade intelectual é significativamente comprometida até situações em que o indivíduo apresenta habilidades excepcionais em áreas específicas, como a memorização de fatos ou aptidões artísticas. Essa diversidade destaca a importância de abordagens individualizadas na educação, terapia e suporte, considerando as necessidades únicas de cada pessoa no espectro, e a capacitação e formação do professor em relação ao autismo torna-se essencial nesse quesito. O preparo das técnicas de aprendizagem do professor, suas habilidades e preparação devem criar um ambiente em que as variações comportamentais características das crianças autistas não tirem o foco da aprendizagem.

> A formação do educador e o seu conhecimento científico a respeito do assunto, tornam-se essenciais para a identificação da síndrome. Da mesma sorte uma capacitação pedagógica no exercício docente possibilita uma educação adequada. (CUNHA, 2020, p. 25)

O diagnóstico precoce e intervenções adequadas são cruciais para promover o desenvolvimento e a qualidade de vida dos indivíduos autistas. No entanto, é igualmente importante desafiar estigmas e promover a inclusão social. A sociedade, incluindo escolas, locais de trabalho e espaços públicos, tem que estar

alinhavada para receber e apoiar as pessoas no espectro autista, proporcionando um ambiente inclusivo que valorize a diversidade.

A conscientização sobre o autismo é essencial para combater estereótipos e promover uma compreensão mais profunda das capacidades e desafios enfrentados por tais no espectro. Uma sociedade verdadeiramente inclusiva e acolhedora em relação ao autismo não é apenas uma visão utópica, mas uma necessidade imperativa para construir um futuro mais justo e enriquecedor para todos. Ao reconhecer e respeitar a diversidade neuro diversa, as portas para um mundo onde cada indivíduo, independentemente de estar no espectro autista ou não, são abertas, e elas tem a oportunidade de contribuir plenamente para o tecido social.

2.1 O autismo

Segundo Bleuler (1911) “A palavra autismo vem da palavra grega “autos”, que significa “voltar-se para si mesmo”. Eram conhecidos no passado como esquizofrênicos que viviam acometidos ao isolamento. Atualmente, pela psiquiatria, o termo nomeia o comportamento da criança autista concentrado em si próprio.

O austríaco Eugen Bleuler iniciou os estudos na área e se tornou o primeiro psiquiatra a utilizar a palavra autismo. No entanto, os estudos mais detalhados sobre o autismo iniciaram-se no ano de 1943, através do psiquiatra infantil Leo Kanner, quando ele escreveu um artigo envolvendo crianças com sintomas semelhantes, com o comprometimento na comunicação, dificuldade na interação social e atividades repetitivas, e as crianças apresentavam algumas características individuais com relação aos demais.

O autismo não tem fatores definidos, as causas podem ser ambientais, biológicas e genéticas:

> De início o psiquiatra Kanner o chamou de “Distúrbio Autista do contato afetivo”, com isso, surgiram outros pesquisadores que desenvolveram vários estudos a partir da concepção de Kanner, tendo algumas modificações relacionadas à um déficit cognitivo e social, sendo considerado como um “distúrbio do desenvolvimento”. (OLIVEIRA, 2019)

Os sintomas variam de indivíduos para indivíduos. Em alguns casos, há acometimento de convulsões, já que o TDA pode vir associado a diversos problemas neurológicos e neuroquímicos, com grandes contribuições de fatores genéticos.

Cunha (2015, p.7) afirma que “o autismo pode surgir nos primeiros meses de vida, em geral, os sintomas tornam-se aparentes por volta dos 3 anos de idade”. Percebe-se na criança o uso insatisfatório de sinais emocionais e de comunicação, além da falta de reciprocidade afetiva.

> O autismo segundo o DSM-5 (Diagnostic and Statistic of mental Desordens) faz parte de uma categoria específica como o nome de Transtorno de Espectro Autista (TEA), anteriormente intitulado Transtorno Global do Desenvolvimento. O TEA está inserido na categoria diagnóstica dos Transtornos de Neurodesenvolvimento, que inclui o transtorno autista (autismo), o Transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e os transtornos invasivos do desenvolvimento sem outra especificação. (BEZ, 2016, p. 69)

O TEA é um distúrbio do desenvolvimento neurológico e deve estar presente desde a infância ou do início da infância, porém pode ser detectado mais tarde, devido a mínimas demandas sociais ou a falta de apoio dos pais nos primeiros meses de vida.

> Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros diferentes. Isto porque o autismo varia em grau de intensidade e de incidência dos sintomas. Tal heterogeneidade tem levado a revisão das diretrizes para o seu diagnóstico, inclusive com a mudança da nomenclatura para “Transtorno do Espectro Autista”. (CUNHA, 2020, p. 23)

Segundo Bosa (2002, p. 37), “compreende como uma síndrome que intriga e desafia o conhecimento humano. Estudar o autismo é ter nas mãos um laboratório natural de onde vislumbra o impacto da prevenção das relações recíprocas, desde cedo na vida”.

De forma geral, o conhecimento sobre o autismo está se tornando bastante amplo. Na atualidade, os diagnósticos de TEA são mais frequentes, possivelmente porque passou a ser uma condição mais conhecida. A respeito do tratamento, o material elaborado pelo Ministério da Saúde que abarca as diretrizes de atenção da criança com Transtorno do Espectro Autista descreve que:

> O tratamento deve ser estabelecido de modo acolhedor e humanizado, considerando o estado emocional da pessoa com TEA e seus familiares, direcionando suas ações ao desenvolvimento de funcionalidade e a compensação de limitações funcionais, como também a prevenção ou retardo de possível deterioração das capacidades funcionais, por meio de processos de habilitação e reabilitação focados no acompanhamento médico e no de outros profissionais de saúde envolvidos com as dimensões comportamentais emocionais, cognitivas e de linguagem (oral, escrita e não verbal), pois estas são dimensões básicas à circulação e a pertença social das pessoas com TEA na sociedade. (Brasil, 2012, p. 57)

O convívio social e a comunicação são os maiores desafios para as pessoas com autismo. A maioria das crianças tendem a demorar para desenvolver a linguagem, não desenvolvem a fala e tem dificuldade para entender ou usar a comunicação verbal e não verbal.

> Os primeiros sintomas do transtorno do espectro autista, f requentemente, envolvem atraso no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns. Por exemplo, puxar as pessoas pela mão sem nenhuma tentativa de olhar para ela. Outro exemplo é o caso de brincadeiras como carregar brinquedos, mas nunca brincar com eles. Outro exemplo bem marcante a pessoa com autismo é o fato de conhecer o alfabeto, mas não responde ao próprio nome. Interesses altamente limitados e f ixos, no transtorno do espectro autista, tendem a ser anormais em intensidade ou foco. Alguns encantamentos e rotinas podem estar relacionados a uma aparente hiper ou hiperatividade e estímulos sensoriais, manifestado por meio de respostas extremadas a sons e texturas específ icas, como cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, encantamento por luzes ou objetos giratórios e, algumas vezes aparente indiferença a dor, calor ou f rio. (BDSM-15, 2014. p 56)

Santos (2008, p.9) afirma que a “escola tem papel importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de interação social das crianças, separada dos seus familiares. É onde a criança vai ter a maior dificuldade em se adaptar às regras sociais”.

Todavia, se houver o comprometimento da família e o envolvimento dos professores haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, interação social e aprendizagem, pois conforme Cunha (2016, p. 15):

> A aprendizagem é característica do ser humano. O ensino e aprendizagem são dois movimentos que se ligam na construção do conhecimento. É uma construção dialógica e não interpretativa; expressão imanente da nossa humanidade que abarca também o aprendente com autismo.

As consequências do transtorno do espectro autista em crianças pequenas, traz a ausência de comunicação e interação social, podendo ser um impedimento para a sua aprendizagem,especialmente por meio do convívio e contato com seus colegas.

> A idade e o padrão de início também devem ser observados para o transtorno do espectro autista. As características comportamentais do transtorno do espectro autista tornam-se evidentes na primeira infância, com alguns casos apresentando falta de interesse em interações sociais no primeiro ano de vida. Algumas crianças com transtorno do espectro autista apresentam regressão no desenvolvimento, com uma deterioração gradual ou relativamente rápida em comportamentos sociais ou uso da linguagem f requentemente durante os dois primeiros anos de vida. (DSM-5, 2014. p. 55)

O diagnóstico tardio e a ausência de acompanhamento adequado durante a infância podem levar ao agravamento do quadro de autismo da criança. Consequentemente, na idade adulta, esses indivíduos podem enfrentar dificuldades significativas no mercado de trabalho, muitas vezes resultante de déficits cognitivos associados ao transtorno. Conforme o DSM-5 (2014. p. 57): “Muitos indivíduos com transtorno do espectro autista, mesmo sem deficiência intelectual, têm funcionamento psicossocial insatisfatório na idade adulta, conforme avaliado por indicadores como vida independente e emprego remunerado”.

Portanto, há direito previsto na lei 12.764/12, Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da pessoa com TEA, designando adaptações apropriadas que contemplem suas necessidades.

2.2 Inclusão escolar

A inclusão escolar busca garantir que todos os alunos, incluindo aqueles com autismo, tenham oportunidades iguais de aprendizado e participação. Promover a inclusão envolve adaptações no ambiente escolar, estratégias pedagógicas e apoio personalizado para atender às necessidades específicas de cada aluno autista. Essa abordagem visa criar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde a diversidade seja valorizada.

A colaboração entre professores, profissionais de apoio e pais é fundamental para o sucesso da inclusão escolar de crianças com autismo. Estratégias como o uso de materiais visuais, comunicação alternativa, flexibilidade na organização do espaço e do tempo, além de capacitação para os profissionais, são fundamentais para garantir um ambiente educacional inclusivo.

> A complexidade das questões educativas em geral, e da educação inclusiva em particular justifica a adoção de uma abordagem de inspiração multireferencial que propõe a leitura plural da realidade fazendo uso da concorrência de referências distintas que devem guardar suas respectivas independências enquanto contribuições à compreensão polissêmica do objeto seja ele prático ou teórico. (SAMPAIO, 2002, p.72)

A inclusão escolar iniciou-se no final do século XX, a partir daí surgem duas propostas de inclusão, que defendia a colocação de todos os alunos na sala regular

de ensino, sem retenção de grau de comprometimento, entretanto incluindo o apoio dos professores em ambientes como, escolas especiais e sala de recursos.

> Conforme a LDB, é direito de crianças e de adolescentes com deficiência o acesso à educação e não podendo ser negado sob nenhum argumento, tanto na rede pública quanto na privada. A lei enfatiza no artigo 59, que os sistemas de ensino deverão assegurar os recursos necessários para a escola e consequente inclusão como uma ação educacional que tem por objetivo disponibilizar o ensino de acordo com as necessidades do indivíduo. (CUNHA, 2002, p. 37)

Uma pessoa com autismo tem por direito garantido na lei nº 12.764/12, Lei Berenice Piano o acesso a escola regular. A lei institui a política nacional de Práticas dos Direitos da pessoa com Transtorno de Espectro Autista. (BRASIL, 2012 [s.p])

Destaca-se na Lei a obrigatoriedade de diagnóstico precoce e tratamento multidisciplinar, o direito aos medicamentos é incluído e o direito da nutrição adequada e de informações que contribuem para o diagnóstico e o tratamento.

A educação inclusiva é a principal ferramenta educacional que proporciona o aluno a ter acesso a novas experiencias sociais sem distinção de conhecimento e habilidades, ela permite que estudantes que ainda apresentem necessidades especiais, como o autismo, possam se desenvolver e conviver com outros alunos considerados normais em uma escola de ensino regular.

2.3 Desafios da inclusão de alunos autistas no Ensino Fundamental

Os desafios enfrentados por alunos autistas no ensino fundamental são multifacetados e exigem uma abordagem sensível e personalizada para promover o seu pleno desenvolvimento acadêmico e social. O autismo é um transtorno do espectro autista (TEA) que pode apresentar uma variedade de características, tornando cada experiência única para o aluno. Nesse contexto, é crucial compreender e enfrentar os desafios específicos que esses estudantes podem encontrar ao ingressar no ambiente escolar.

Um dos principais desafios para alunos autistas no ensino fundamental está relacionado à interação social. Dificuldades na compreensão de pistas sociais, na comunicação não verbal e na expressão emocional podem levar a uma sensação de isolamento. Professores e colegas muitas vezes precisam estar cientes dessas

dificuldades para criar um ambiente inclusivo e apoiar a participação social do aluno autista.

> No contexto do autismo, a qualidade do trabalho em sala de aula inicia-se pela descoberta do aluno: o que ele faz, deseja e como ele aprende. Portanto, haverá momentos em que a melhor coisa que o professor poderá fazer será observar seu aluno, atentar-se para as suas ações. (CUNHA, 2020, p. 54)

Outro desafio significativo diz respeito à comunicação. Alunos autistas podem apresentar atrasos na linguagem, dificuldades na expressão verbal e não verbal, além de preferências por formas alternativas de comunicação, como o uso de sistemas de comunicação aumentativa e alternativa (CAA). A adaptação do ambiente escolar para incluir estratégias de comunicação eficazes é essencial para garantir que esses alunos consigam expressar suas necessidades e compreender as instruções. A sensibilidade sensorial é outra área crítica. Muitos alunos autistas têm uma sensibilidade aumentada ou diminuída aos estímulos sensoriais, como luz, som, texturas e cheiros. O ambiente escolar, frequentemente agitado e com múltiplos estímulos, pode ser avassalador para esses estudantes, afetando seu foco e bem-estar. Adaptações, como salas sensoriais ou o uso de materiais que considerem essas sensibilidades, são importantes para criar um ambiente propício ao aprendizado.

A necessidade de rotinas e previsibilidade é outro desafio a ser considerado. Alunos autistas muitas vezes se beneficiam de rotinas consistentes e previsíveis, o que pode entrar em conflito com a natureza dinâmica do ambiente escolar. Professores e colegas podem colaborar para estabelecer rotinas claras, proporcionando segurança e conforto ao aluno.

O papel dos educadores é crucial para superar esses desafios. A formação especializada, o desenvolvimento de estratégias de ensino inclusivas, a comunicação aberta com os pais e o entendimento das necessidades individuais de cada aluno autista são fundamentais. A promoção de uma cultura escolar que valorize a diversidade e fomente a empatia entre os estudantes é essencial para criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todos os alunos, independentemente de suas características, possam prosperar no ensino fundamental.

A inclusão do aluno autista no ensino regular é um direito garantido por lei, como citado no capítulo V da LDB, na lei nº 9394/96 que aborda sobre a educação especial. Ela deve propor a integração afetiva do aprendente a vida em sociedade. Para compreender adequadamente o aluno com Transtorno do Espectro Autista, é

imperativo desenvolver uma conscientização aprofundada sobre a nova realidade educacional e promover estudos que visem a compreensão da inclusão. Além disso, é essencial a utilização de metodologias diversificadas para acolher e apoiar efetivamente os estudantes com autismo que buscam inserção na escola regular.

São inúmeros os desafios encontrados pelos alunos com TEA na inclusão escolar, pode-se elencar alguns como: falta de ambientes adequados e mais silenciosos, falta de conhecimento, formação especializada ou aceitação de professores sobre o que é o autismo e suas diversas características. A formação do professor é essencial, ratificando o valor do seu papel nesse processo de inclusão. Cunha (2020, p. 138) recorda que, “não podemos deixar de lembrar os princípios para uma gestão democrática, com um projeto emancipado e transformador das relações sociais enfatizando o trabalho coletivo e interdisciplinar como processo educativo do aluno”.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

O presente estudo refere-se a uma pesquisa de campo que tem por objetivo geral observar como ocorre a inclusão dos alunos com Transtorno de Espectro Autista (TEA) na escola Tomaz de Aquino Bringel nos anos iniciais do ensino fundamental. Visamos criar uma base de conhecimentos a respeito do assunto, ou seja, da inclusão dos alunos com TEA na rede regular de ensino considerando o papel dos professores como essencial nesse processo.

Para isso, a pesquisa seguiu os seguintes critérios: a) Quanto à abordagem: de natureza qualitativa, concentrada em dados não numéricos; b) Quanto aos afins: de forma descritiva e explicativa, expondo o funcionamento e rotina de atendimento da sala de recursos; c) Quanto aos meios: utilizamos a pesquisa bibliográfica, como Bosa (2002) e Santos, (2008) e pesquisa de campo, do qual buscamos informações diretamente com a população pesquisada.

O universo da pesquisa foi a rede municipal de ensino público de Santa Inês/MA, na Escola Municipal Tomaz de Aquino Bringel, localizada na Rua Joacy Farias, Vila Conceição. A escola contém um total de 15 salas, funcionam nos turnos matutino e vespertino, e apenas duas salas funcionam no turno noturno. Contém 58 professores, 4 supervisores e 1 gestor, entre os professores, apenas dois são na sala do AEE. Nesta pesquisa, utilizamos como amostra sete alunos com TEA, na sala do AEE presente na escola, e dois professores.

O questionário aplicado às professoras do AEE tinha como objetivo identificar quantos alunos com TEA eram matriculados na escola e como era a inclusão desses alunos em sala de aula e na escola.

3.2 Corpus da Pesquisa

A pesquisa foi conduzida ao longo de um período de seis meses, permitindo a coleta de dados sobre a atuação dos professores tanto na sala de aula regular quanto na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). O estudo investigou as atividades de aprendizagem por alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as estratégias que os professores empregam para lidar com essas

dificuldades, bem como suas metodologias de ensino, práticas pedagógicas e abordagens relacionadas a educação especial. O corpus da pesquisa é composto por dados escritos e linguísticos fornecidos pelos professores, obtidos por meio de questionários, observações e entrevistas.

3.3 Instrumento e Coleta de Dados

O instrumento para a coleta de dados desta pesquisa é um questionário, em que as duas professoras responsáveis pela sala do AEE responderam para a finalidade da pesquisa. O questionário conteve dez perguntas, no qual oito são perguntas abertas e duas são perguntas fechadas. As perguntas estão relacionadas a quantidade de alunos com TEA na escola, estrutura escolar, apoio escolar, capacitação dos docentes responsáveis pela sala, e metodologias usadas para lidar com o transtorno na escola. O questionário foi aplicado aos professores da sala do AEE nos dois turnos da escola, matutino e vespertino, porém as professoras preferiram responder em casa e retornar com as respostas via WhatsApp.

3.4 Análise dos Instrumentos e Coleta de Dados

O questionário aplicado para os professores da sala do AEE, tem o intuito de saber como é o dia a dia dos professores com os alunos em sala de aula, como trabalham, e como os alunos lidam e respondem com o sistema de ensino aplicado pelos professores.

Na primeira questão a pergunta é apenas para saber a quantidade de alunos na sala de atendimento educacional especializado, com o intuito de identificar um controle sobre quantos alunos têm e se são realmente registrados no sistema da escola. A fim de identificar se realmente há um sistema ou uma ficha de controle que identificasse quantos e quais alunos tem TEA, e se são acompanhados regularmente. A primeira professora (P) não respondeu a primeira questão. Já a segunda professora (A), que é a responsável principal pela sala do AEE, respondeu: “07”, o que implica que, o controle da sala em relação aos alunos acompanhados regularmente está nas mãos da pedagoga responsável pela sala de recursos.

Na segunda questão a pergunta é sobre a idade dos alunos, afim de saber se a maioria dos alunos tem a mesma faixa etária, ou se há mais crianças ou pré-

adolescentes. A primeira professora “P”, respondeu que: “os alunos acompanhados têm 7 anos”, porém a segunda professora (A), respondeu: entre 06 e 09 anos. É notável de acordo com as respostas dadas pela professora (A), que há sim uma variação na idade das crianças e que ela tem um controle sobre esses dados cadastrais dos alunos, confirmando a hipótese implicada da questão (1).

Na terceira questão a pergunta é sobre qual a maior dificuldade enfrentada ao trabalhar com alunos com transtorno do espectro autista, com a intenção de saber se os professores estão realmente preparados para o desafio que é trabalhar com alunos que têm diferentes níveis de autismo e diferentes dificuldades de aprendizagem. A professora (P) respondeu que: “Os alunos a princípio não tinham nenhuma forma de comunicação e tinham dificuldade na interação, mas com a ajuda dos outros alunos foi possível a interação e houve um avanço significativo.” A docente em questão ressalva a importância da interação com os outros alunos considerados normais, a convivência no dia a dia e a inclusão desses, almejando a aprendizagem e superando as dificuldades de interação e relação com outros alunos. A professora (A) responde: “Alunos com nível de suporte 3 que apresentam agravos severos de comunicação e sensibilidade sensorial, exigem abordagens mais elaboradas.” A pedagoga aponta a dificuldade de alunos com o grau mais elevado do autismo, entretanto seu trabalho pedagógico requer uma abordagem mais delicada, pois não é fácil de lidar com tal grau.

> Podem adotar comportamentos repetitivos, como bater o corpo contra uma superfície ou girar, e apresentarem grande estresse ao serem solicitados a mudarem de tarefa. [...]Também apresentam uma incidência maior de comorbidades, como depressão, TDAH, TOC, ansiedade, epilepsia, distúrbios do sono, dif iculdades de fala, distúrbios gastrointestinais, deficiência intelectual e dificuldades de coordenação motora [...] (GARCIA, 2024)

Na quarta questão a pergunta tem o intuito de saber se a escola oferece apoio pedagógico na perspectiva docente, em relação a educação inclusiva, com a finalidade de saber se a escola realmente tem o intuito de ter um professor/tutor, capacitado e apto para trabalhar com crianças com TEA. As respostas das professoras foram as mesmas: opção "sim”, portanto, identifica-se que a escola percebe a necessidade de um professor capacitado e competente para lidar com todas as barreiras e dificuldades da inclusão desses alunos autistas.

Na quinta questão a pergunta remete sobre a existência de uma sala de recursos multifuncionais, se há uma sala do AEE ou não. A respostas das professoras

(P) e (A), também foi a mesma, opção “sim”, em vista disso, é notória a existência da sala de atendimento educacional especializado para acompanhamento dos alunos com TEA ou comorbidades. Conforme o decreto Nº 7611/11, dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.

Na sexta questão o intuito da indagação é identificar quais os recursos são utilizados para trabalhar com TEA, e se há realmente um preparo e trabalho especializado em atender uma criança autista. A professora (P) respondeu: “Jogos”, o que fica subentendido que ela utiliza o lúdico como forma de recurso e os jogos são os principais dotes de suas habilidades como educadora. A professora (A) respondeu: Recursos sensoriais, recursos visuais para comportamentos esperados, pranchas de comunicação, quadros de rotina, brinquedos táteis, jogos de encaixe e montagem, entre outros. Dessa forma, entende-se que os seus recursos são um pouco mais elaborados, todavia, não foge da mesma ideia de jogos lúdicos da professora (P). Não obstante, utilizar jogos é uma excelente ideia na visão docente. Para Luckesi (2002, p.31,33):

> [...] quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si, das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderão lhe oferecer, e certamente oferece, sensações do prazer da convivência, mas, ainda assim, esta sensação é interna a cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum [...]. [...] A descritiva comportamental individual ou coletiva, assim como os valores comunitários que sus tentam esta experiência, compõem o entorno dessa sensação de experiência plena, a serem tratadas por outros âmbitos de conhecimentos [...].

Na sétima questão o propósito da pergunta é identificar os maiores desafios da sala de recursos, quais as dificuldades enfrentadas pelos professores, quais as maiores pelejas e obstáculos nesse âmbito educacional. A professora (P), respondeu: “A adaptação”. Nesse caso é diáfano a maior dificuldade de qualquer docente em qualquer âmbito educacional, o choque de realidade, ele torna-se límpido quando os professores não têm a experiência na educação especial e se deparam com tantos desafios, onde um leque de habilidades é necessário. A professora (A), respondeu: O atendimento educacional especializado requer um sistema educacional articulado, dessa forma o trabalho colaborativo é uma ferramenta importante para que a escola consiga ofertar uma educação de qualidade para os alunos público-alvo da educação

especial, porém geralmente é comum encontramos escolas que não conseguem desenvolver uma proposta pedagógica inclusiva por falta desse diálogo entre a sala de recursos multifuncional e a sala regular de ensino. A docente frisa a importância de um diálogo de interação entre professores da sala do AEE e professores das salas regulares, no qual torna-se em uma crítica á falta de preparo de alguns professores que não buscam atualizar seus métodos de ensino considerados “arcaicos”, assim impossibilitando a inclusão em outras escolas e em outros âmbitos.

Na oitava questão a intenção da pergunta é identificar se o atendimento educacional especializado pode ocorrer fora do espaço educacional, se esse acompanhamento pode ocorrer em outros espaços. Segundo a professora (P), a resposta é “sim”. Entretanto a resposta da professora (A), é o contrário da professora (P), ela responde: “não”, e justifica: **“**o atendimento educacional especializado acontece nas salas de recursos multifuncionais, esses espaços pertencem ao ambiente escolar, fora dele o indivíduo realiza terapias com equipe multidisciplinar, caso seja necessário considerando as necessidades específicas do mesmo”. Conforme o Brasil (2009), “o AEE deve ocorrer prioritariamente na sala de recursos multifuncionais, quer seja da própria escola ou outro centro de atendimento educacional especializado, que não tenha fins lucrativos e que tenha convênio com a secretaria de educação”.

Na nona questão o intuito da pergunta atribui-se a visão de inclusão dos professores da sala de recursos, se realmente eles têm o intuito de incluir as crianças autistas com os alunos das salas regulares no âmbito da aprendizagem. A resposta da professora (P) foi: Sim, é de suma importância tanto para o cognitivo, quanto para a interação social. Conforme é assegurado pelo atual sistema de ensino, a LDB, todos possuem acesso à educação. Segundo Moantoan (2003, p. 12) “A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retraçando”.

Diante disto é explícito a preocupação da professora com a inclusão dos alunos autistas. A resposta da professora (A) foi: “Sim, essa vivência possibilita aprendizagem para todos os alunos que compõe está sala de aula, é preciso respeitar e celebrar a diversidade humana.” Ao tratar de inclusão em uma sala de aula regular, a resposta da professora (A), pressupõe que as demais crianças que não estão no quadro de atendimento educacional especializado, devem respeitar e aceitar as

diversidades encontradas na sala de aula, assim reforçando a ideia de que respeitar é preciso para que haja educação.

Na décima e última questão a finalidade da pergunta é identificar quais são os objetivos e metas dos professores para trabalhar com essas crianças com TEA, seus propósitos, alvos e desígnios. A resposta da professora (P) foi: “Adaptar jogos e conteúdo da sala regular de acordo com a deficiência afim não só de assegurar um direito, mas de proporcionar uma aprendizagem significativa.” Assegurar uma educação de qualidade para uma criança com transtorno do espectro autista, não é tarefa fácil, ela ressalva que elaborar um conteúdo que tenha um resultado significativo é um de seus maiores desafios. A resposta da professora (A), foi: “Tenho como objetivo diminuir ou eliminar toda e qualquer barreira que impeça o aluno público-alvo da educação especial de se desenvolver, vislumbrando uma educação significativa que promova sua autonomia e que potencialize suas habilidades.” A professora teve total convicção de que ela é a peça principal da educação inclusiva, e que seu trabalho é o que ajuda a quebrar as dificuldades encontradas.

3.5 Análise da Pesquisa

Após a apresentação dos dados elencados acima, por meio da realização da entrevista e do questionário, foi possível visualizar a visão e atuação dos professores da Sala do AEE, em relação ao autismo na escola Tomaz de Aquino Bringel.

Quando questionada sobre como funciona a sala do AEE, na primeira visita a escola Tomaz de Aquino Bringel em 15 de Novembro de 2023, a Pedagoga responsável pela Sala de Recursos, respondeu: “A sala de recursos funciona como uma espécie de clínica, que visa atender as crianças que tem dificuldades de acompanhar as crianças na sala de aula. Ela não é uma sala separada que pega as crianças com autismo ou outra dificuldade e põe para fazer outras atividades separadas das demais crianças. Ela tem o intuito de ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem, dificuldade de comportamento e para isso, precisamos saber toda a sua rotina e relação com os pais e fazer o acompanhamento de um a um. Por isso as crianças vêm para o atendimento em contraturno ao seu horário de aula”. A resposta da professora, em relação ao atendimento dos alunos é fundamentada conforme o MEC, portanto seu processo de acompanhamento torna-se exclusivo. Assim, o processo de atendimento em salas de atendimento inclusivo é

diferente do atendimento das salas regulares, entretanto não substitui essa escolarização, na verdade têm a função de complementar a formação dos alunos, para que eles tenham autonomia dentro e fora da escola. Baseado na resposta da pedagoga, é alvo afirmar que esse sistema de atendimento facilita o trabalho dos professores, tanto da sala regular, como da sala do AEE, pois o tempo para trabalhar cada metodologia de ensino é essencial, e do ponto de vista pedagógico, acompanhar as particularidades de cada aluno é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem dos indivíduos, e que vai de acordo com:

> O atendimento educacional especializado - AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. (BRASIL, 2009. p 1)

A segunda professora na entrevista de 8 de fevereiro de 2024, ressalva que: “a aprendizagem dos alunos vai depender do tipo de deficiência, cada deficiência é analisada, avaliada, como a criança se comporta, como ela vai receber esse ensino, porque existem vários tipos de deficiências. Então o professor, juntamente com o cuidador, e a sala de recursos multifuncionais, vão ver atividades que contemplem esse aluno, claro que dentro dessa mesma temática, dentro do mesmo tema, trabalhando com os regulares, mas de uma forma adaptada”. Partindo desse ponto de vista, é de extrema importância identificar os alunos que sofrem desse transtorno, pois é de acordo com o grau de autismo, dificuldade de aprendizagem, se é verbal ou não, se faz contato visual, se tem dificuldade na fala, ou se consegue falar, que é elaborado um método de aula específico para acompanhá-lo e ajudá-lo na sala de aula regular. Um detalhe importante que deve ser aludido, é que as crianças diagnosticadas com autismo na escola, ou seja, foi apresentado pelos pais um laudo no ato da matrícula destes, são acompanhadas por um cuidador, que acaba sendo um melhor mediador entre professor da sala do AEE e aluno, pois na escola , é ele que acompanha no dia a dia a evolução desse aluno autista, e consequentemente, ele evita a sobrecarga do professor da sala de aula regular, principalmente se o aluno com deficiência necessita de acompanhamento nas suas necessidades fisiológicas do dia a dia. Pois:

> O cuidador escolar tem um papel fundamental na vida de um estudante com alguma deficiência f ísica, intelectual e/ou transtorno específ ico. Tratando -se do novo perfil educacional, o cuidador escolar deve atuar em diversas atividades, auxiliando os discentes que precisam dos seus serviços, garantindo a inclusão no espaço escolar e avanços na aprendizagem destes sujeitos. (SILVA; OLIVEIRA, 2020)

Ao questionarmos qual aluno a segunda professora tem mais dificuldade em trabalhar, ela cita: “Nesse caso, são umas crianças não verbais, eles não falam, são gêmeos, são alunos do primeiro ano desde o ano passado e eles são autistas, autistas não verbais, a coordenação motora deles tinha uma dificuldade. Então nesse dia nós estávamos trabalhando com os alunos regulares a família silábica do “S”, para contemplar eles, para eles ficarem na mesma temática, aí nós trabalhamos a letrinha do Sapo, lendo pra eles a palavra sapo, fazendo a silabação. Aí foi pedido para eles irem no quadro, pra eles tentarem identificar a letra “s” dentro do quadro e que eles pudessem também tentar escrever, como eles tem uma dificuldade, as vezes não conseguiam trabalhar com o lápis, já com o pincel eles já conseguiam escrever, escreviam no quadro, então é feita toda uma adaptação.

No meio da educação especial, é comum encontrar alunos autistas não verbais. Segundo Amato; Fernandes (2010) “A comunicação das crianças do espectro autístico têm várias peculiaridades e não segue o mesmo percurso de desenvolvimento observado em crianças normais”, o que denota que cada criança autista não segue o mesmo padrão de comportamento e nem o mesmo padrão de dificuldade. Porém para trabalhar com crianças que não conseguem falar ou se comunicar bem, requer um preparo clínico do professor responsável pelo seu acompanhamento, pois é uma atribuição do professor da sala do AEE “elaborar e executar plano de atendimento educacional especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e da acessibilidade” (BRASIL, 2009. p 4). E por mais que sejam aplicadas várias técnicas e metodologias de aprendizagem, vale salientar que não há uma metodologia ou técnica salvadora. Portanto afirma Cunha (2020, p.49) “há sim, grandes possibilidades de aprendizagem, considerando a função social e construtivista da escola”. Logo, considerando que a escola tenha uma estrutura e preparo adequados, a evolução do aluno será notória.

3.6 Análise e discussão dos dados

Na análise sobre a as dificuldades enfrentadas ao trabalhar com alunos com TEA, foi visto que a maior dificuldade era com as crianças nível de suporte 3. Essas crianças apresentavam uma dificuldade enorme em se comunicar e tinham uma sensibilidade sensorial severa, ou seja, eram sensíveis ao barulho.

> Nestes casos, os indivíduos têm dificuldades graves no seu cotidiano e déficit severo de comunicação, com uma resposta mínima a interações com outras pessoas e a iniciativa própria de conversar muito limitada. Também podem adotar comportamentos repetitivos, como bater o corpo contra uma superfície ou girar, e apresentarem grande estresse ao serem solicitados a mudarem de tarefa. (GARCIA, 2024)

Lidar com crianças com esse nível de suporte, realmente é um desafio, requer preparo, paciência e bastante habilidade. A formação continuada nesses casos torna-se fundamental e um fator chave para lidar com tal desafio, pois ao lidar com crianças de nível de suporte 3, é necessário um preparo e estudo condizente a situação da criança, para que haja uma interação entre aluno e professor. O professor necessita, nesses casos, compreender que esses alunos devem ser bem acompanhados no ambiente escolar.

Outra dificuldade encontrada pelo pelos tutores e professores é a falta de acompanhamento de alguns pais, na rotina escolar, na assiduidade de seus filhos na sala de aula regular e também na sala do AEE, e em alguns casos na higiene pessoal das crianças, como fardamento escolar sujo ou a falta de banho. Alguns pais, infelizmente, não conseguem lidar com o autismo, por não saber nada sobre o TEA e acabam se afastando das rotinas escolares de seus filhos e isso é bastante preocupante no ponto de vista do evolutivo do aluno.

Segundo o Instituto Neurosaber, (2022) “Logo os pais/responsáveis são imprescindíveis para um tratamento eficaz, pois a aliança entre eles e os profissionais envolvidos será uma poderosa condutora das estratégias alcançadas nas terapias do cotidiano.”

Felizmente a escola possui formação continuada para os professores, o que facilita no suporte e no progresso gradativo das crianças. Os professores e a escola estão cientes que ao dar o suporte e acompanhamento adequado, o sucesso

na aprendizagem dos alunos será consequência desse processo. De acordo com Santos (2008, p.30) “É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas.”

As atividades desenvolvidas pelos professores da sala de recursos multifuncionais são bem elaboradas com jogos e brinquedos táteis e visuais, e o lúdico é o que toma as atividades com os alunos mais produtiva e palatável para os alunos autistas. Como afirma Mendes (2015):

> Esse tipo de atividade é o que norteia um trabalho pedagógico que tem como objetivo o desenvolvimento significativo dos discentes, pois as brincadeiras e os jogos são um ótimo veículo da educação e favorecem no processo de ensino-aprendizagem”.

Mas para isso existe todo um sistema de controle de rotina e sistema de consultas marcadas no computador da secretaria da sala de recursos. Cada criança tem seu acompanhamento conforme o seu grau de aprendizagem, ou conforme seu grau de autismo, o que é de extrema importância na visão inclusiva do ensino especial e também no ponto de vista acadêmico, pois com isso é mantido um controle de alunos, e torna-se perceptível quando há evolução de um aluno ou mais.

Após a visita semanal na escola,foi visto que a rotina das crianças autistas funciona normalmente na sala regular, as crianças usufruem do horário escolar como todas as outras. Entretanto as suas rotinas na sala do AEE,funcionam em contraturno ao seu horário de matrícula na escola. Se o aluno for matriculado pela manhã (turno matutino) para estudar na escola, a sua visita a sala do AEE, será a tarde. E se o aluno for matriculado para estudar pela tarde (turno vespertino), sua visita à sala do Atendimento Educacional Especializado será pelo horário da manhã. Esses horários foram criados com a justificativa de que o “seu atendimento não atrapalhe na sua rotina de estudos,mas que ajude no seu desempenho em sala de aula,e com o tempo isso tem se tornado bem efetivo”, afirma a professora responsável pela sala do AEE.

Visto que trabalhar com esses alunos é um trabalho árduo, acompanhar eles em sala de aula, também é um desafio. Durante a visita vespertina, foi notado que alguns desses alunos, sempre visitam a Sala de Recursos, ou rondam pela escola, pois as vezes, os alunos se sentem entediados com a sala regular, e é aqui que o trabalho do cuidador entra em ação, pois a professora titular da sala não poderia deixar os outros alunos de lado e ir atrás desse aluno. O cuidador, por sua vez,

acompanha o aluno e desenvolve atividades específicas na sala do Atendimento Educacional Especializado, com o objetivo de promover seu engajamento e entretenimento. Estas atividades são aprovadas com o tema da aula do dia e incluem, por exemplo, exercícios de pintura relacionados ao conteúdo abordado. Além disso, dependendo do nível de complexidade, o cuidador pode utilizar atividades com “ligar os pontos”, que visam trabalhar a coordenação motora fina do aluno. Essa abordagem é de extrema importância para o desenvolvimento construtivo da escrita e para o processo de aprendizagem dele.

4 AUTISMO E INCLUSÃO NA ESCOLA TOMAZ DE AQUINO BRINGEL

O autismo na escola Tomaz de Aquino Bringel está presente em quase todas as salas do ensino fundamental menor, em cada sala há pelo menos u m aluno com TEA. A escola possui sala do AEE, o que ajuda na inclusão desses alunos. Cada aluno tem um cuidador que o orienta e o auxilia nas suas atividades e os ajuda em suas dificuldades em sala de aula. Porém há alunos que não necessitam de cuidadores, devido ao seu desenvolvimento com a ajuda do atendimento educacional, pois com o trabalho anual feito com algumas crianças com TEA, elas conseguem acompanhar o restante da turma, assim, mostrando que o trabalho dos professores e cuidadores vem sendo bem-sucedidos.

Segundo Cunha (2020, p 71) “os interesses do aluno estão no campo dos afetos. Em muitos casos a afetividade, é o único caminho para se estabelecer contato com o aluno”. Então, estabelecer um contato afetivo com esse aluno autista, torna-se preciso e a criança se sente confortável com o acompanhamento.

O conceito de acompanhamento escolar, reforça a ideia de inclusão em sala de aula, então cria-se a necessidade de conhecer o aluno, ser um docente observador, e os professores da sala do AEE possuem essa preocupação, auxiliam os cuidadores das crianças com grau de autismo mais elevado, e muitas vezes, até os pais desses alunos. Os professores exigem a presença e o depoimento dos pais das crianças com TEA, para terem uma noção se como é esse indivíduo em casa, ajudando assim no seu planejamento mensal e tratamento diferenciado com eles. Conforme Cartaxo (2013):

> A atuação com as famílias é um desafio. Desafio que deve considerar a dinâmica social e as práticas culturais da comunidade a f im de proporcionar ações educativas que valorizem a criança e as famílias às quais elas pertencem. O fato de conhecer a realidade deve provocar ref lexões que permitam buscar diferentes formas de atendimento aos direitos da criança e da família. (CARTAXO, 2013, p. 181)

Apesar das queixas de alguns pais não terem o cuidado necessário com seus filhos, mandando-os pra escola com o fardamento escolar sujo, ou sem fazer sua primeira refeição do dia, e muitas vezes até sem tomar o banho matinal, o trabalho com eles não para, visto que alguns alunos que tiveram o atendimento regular de um ano já possuem uma certa autonomia em sala de aula, no qual já não necessitam de

um acompanhamento exclusivo, mas mesmo assim, continuam com o atendimento na sala do AEE, o que exalta a sua eficiência com o atendimento regular.

A inclusão dos alunos autistas na escola torna-se louvável a partir do momento em que os professores das salas regulares não excluem os alunos diagnosticados autistas, não há uma atividade sequer que todos não participem, tanto as escritas como as extraclasse, o que quebra o paradigma da exclusão do aluno, separando-o dos demais devido seu comportamento, às vezes, agitado. E isso parte de uma metodologia inclusiva sugerida e aplicada pelos professores da sala do AEE, em conjunto com os outros professores. E de acordo com Moantoan (2013, p.41):

> Certamente, um professor que engendra e participa da caminhada do saber "com" seus alunos consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação.

A ideia de saber a dificuldade e característica peculiar de cada aluno, parte do panorama didático, e que deve estar cada vez mais presente em sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo do trabalho foi identificar se o autismo na escola campo dessa pesquisa era notório e conforme o surgimento dessas crianças com Transtorno do Espectro autista, se haveria inclusão e atendimento educacional especializado para estes.

Com a realização da pesquisa é possível afirmar que há um acompanhamento delicado com esses alunos. A escola é bastante receptiva, e atende bem a comunidade em que reside, é bastante acolhedora com estagiários e excelente para a pesquisa. Os professores das salas regulares não rejeitam a ideia de aprender mais sobre os transtornos que envolvem a comunidade escolar e como solucionar, com a ajuda dos profissionais de atendimento educacional especializado, e com o auxílio dos cuidadores, que são orientados pela pedagoga responsável da sala do AEE. O acompanhamento, o controle semanal e o contraturno das entrevistas em relação as aulas regulares, tornam-se um acompanhamento clínico notável e mister na perspectiva docente.

Vale evidenciar que o trabalho dos professores da sala regular, também, era de acordo com a metodologias orientadas pelo AEE, com auxílio dos cuidadores, era evitado a exclusão desses nas atividades, pois embora o grau de autismo de alguns alunos seja diferente, a recomendação é incluir todas as crianças nas atividades, pois o parecer da inclusão também deveria ser repetido pelos demais alunos, reforçando o conceito de sala de aula e educação para todos.

REFERÊNCIAS

AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. O uso interativo da comunicação em crianças autistas verbais e não verbais. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 22, p. 373-378, 2010.

AMERICAN PSYCHOLOGY ASSOCIATION: **Diagnostic and Statiscal Manual of Mental Disorders (DSM-5)** 5° ed. [S.1]: APA, 2023.

BEZ, Maria Rosangela. **Políticas de inclusão escolar e estratégias pedagógicas no atendimento educacional especializado**. Fortaleza: UFCE; Brasília: MC&C, 2016. p. 69-78. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/43204 . Acesso em: 15 fev. 2024

BOSA, C. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: Reflexão e crítica** . Porto Alegre, v. 15, p. 77-88, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/prc/a/P6p4y7ZqzhBVVfTPhXhB3Jc/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 06 nov 2023.

BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 27 Dezembro 2012.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

CAMARGO, Síglia Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & sociedade**, v. 21, p. 65-74, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/KT7rrhL5bNPqXyLsq3KKSgR/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 05 nov 2023.

CARTAXO, Simone Regina Manosso. **Pressupostos da educação infantil**. Curitiba: Ibpex, 2013 – (Série Fundamentos da Educação). Disponível em: https://pdfcoffee.com/cartaxo-2013-pressupostos-da-educacao-infantil-ibpex-digital-pdf-free.html . Acesso em: 10 abri 2024

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar - ideias e práticas pedagógicas**. 6ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

CUNHA, Eugênio. AUTISMO E INCLUSÃO. **Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 6° edição. Rio de Janeiro. Editora Wak, 2015.

GARCIA, Stefanie. **O que são níveis de suporte no TEA e como eles podem auxiliar no diagnóstico**. 2024. Disponível em: https://autismoerealidade.org.br/2024/02/08/o-que-sao-niveis-de-suporte-no-tea-e-como-eles-podem-auxiliar-no-diagnostico/ . Acesso em: 6 mai. 2024.

GOMES, Roberia V. *et al*. **Políticas de Inclusão Escolar e Estratégias Pedagógicas no Atendimento Educacional Especializado**. Ceará: UFC, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/43211/1/2016_liv_rvbgomes.pdf . Acesso em: 10 set 2023.

LUCKESI, Cipriano C. **Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras: uma Proposta Pedagógica a partir da Biossíntese**. Ludopedagogia, Salvador, BA: UFBA/FACED/PPGE, v. 1, p. 9-42, 2002.

MELLO, Ana Maria *et al*. **Retratos do autismo no Brasil**, 1ª ed. São Paulo: AMA, 2013. Disponível em: https://www.ama.org.br/site/wp-content/uploads/2017/08/RetratoDoAutismo.pdf . Acesso em: 16 out 2023

MENDES, Maria Aline Silva. **A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas**. Brasília: UnB, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf Acesso em: 18 jun. 2024

MOANTOAN, Maria Teresa Égler. Inclusão Escolar, O que é? Por quê? Como fazer? Unicamp, 2003. Moderna. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf . Acesso em: 10 jul.2024.

Os efeitos do autismo nas famílias. Instituto Neurosaber. Disponível em: https://institutoneurosaber.com.br/os-efeitos-do-autismo-nas-familias/ . Acesso em: 10 de ou. 2023

OLIVEIRA, Lindoval de Oliveira. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. EDUCAÇÃO PÚBLICA, 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista Acesso em: 20 jun. 2023.

OLIVEIRA, Tatiana de. **O autismo na educação Infantil**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019. Disponível em: http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/20140/1/PDF%20-%20Tatiana%20de%20Oliveira.pdf . Acesso em: 12 out 2023.

SAMPAIO, Cristiane Teixeira; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Convivendo com a diversidade: a inclusão escolar da criança com deficiência intelectual. **Díaz, F., et al., orgs. Educação inclusive, deficiência e contexto social: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA**, p. 71-78, 2009.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização Lato Sensu em Distúrbio de Aprendizagem) – CRDA, São Paulo, 2008. Disponível em: https://pdf4pro.com/cdn/autismo-desafio-na-alfabetiza-199-195-o-e-no-36a59d.pdf . Acesso em: 25 set 2023.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO ACADÊMICO DE PEDAGOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA
PROF.DR. FRANCISCO MÁRIO MAGALHÃES
ACADÊMICOS: CIONEIDE ARAÚJO DE OLIVEIRA PORTELA E RAFAEL COSTA SANTOS

QUESTIONÁRIO

1. QUANTOS ALUNOS AUTISTAS TEM NA SALA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO?
2. QUAL A IDADE DOS ALUNOS COM TEA? (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)? **Os alunos acompanhados tem 7 anos**
3. QUAL A MAIOR DIFICULDADE ENFRENTADA AO TRABALHAR COM ALUNOS COM TEA? **Os alunos a princípio não tinham nenhuma forma de comunicação e tinham dificuldade na interação, mas com a ajuda dos outros alunos foi possível a interação e houve um avanço significativo.**
4. A ESCOLA OFERECE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA OS PROFESSORES/TUTORES?
   (**X**) sim ( ) não
5. A ESCOLA POSSUI SALA DO AEE (Atendimento Educacional Especializado)?
   (**X**) sim ( ) não
6. QUAIS RECURSOS PARA TRABALHAR COM TEA? **Jogos**
7. QUAIS SÃO OS MAIORES DESAFIOS DO AEE? **A adaptação**
8. O AEE PODE OCORRER FORA DO ESPAÇO ESCOLAR? **Sim**
9. VOCÊ ACHA QUE É ESSENCIAL PARA O ALUNO COM TEA PARTICIPAR DAS ATIVIDADES COM OS OUTROS ALUNOS DA SALA? **Sim, é de suma importância tanto para o cognitivo, quanto para a interação social.**
10. COMO EDUCADORA DA SALA DE RECURSO, O QUE VOCÊ PRETENDE FAZER PARA ATENDER A NECESSIDADE DE ALUNOS QUE POSSUEM A

DEFICIÊNCIA? **Adaptar jogos e conteúdo da sala regular de acordo com a deficiência afim não só de assegurar um direito, mas de proporcionar uma aprendizagem significativa.**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO ACADÊMICO DE PEDAGOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA
PROF.DR. FRANCISCO MÁRIO MAGALHÃES
ACADÊMICOS: CIONEIDE ARAÚJO DE OLIVEIRA PORTELA E RAFAEL COSTA SANTOS

QUESTIONÁRIO

1. QUANTOS ALUNOS AUTISTAS TEM NA SALA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO? **07**
2. QUAL A IDADE DOS ALUNOS COM TEA? (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)? **Entre 06 e 09**
3. QUAL A MAIOR DIFICULDADE ENFRENTADA AO TRABALHAR COM ALUNOS COM TEA? **Alunos com nível de suporte 3 que apresentam agravos severos de comunicação e sensibilidade sensorial, exigem abordagens mais elaboradas.**
4. A ESCOLA OFERECE APOIO PEDAGÓGICO NA PESRPECTIVA INCLUSIVA PARA OS PROFESSORES/TUTORES?
   (**X**) SIM ( ) NÃO
5. A ESCOLA POSSUI SALA DO AEE (Atendimento Educacional Especializado)?
   (**X**) SIM ( ) NÃO
6. QUAIS RECURSOS PARA TRABALHAR COM TEA? **Recursos sensoriais, recursos visuais para comportamentos esperados, pranchas de comunicação, quadros de rotina, brinquedos táteis, jogos de encaixe e montagem, entre outros.**
7. QUAIS SÃO OS MAIORES DESAFIOS DO AEE? **O atendimento educacional especializado requer um sistema educacional articulado, dessa forma o trabalho colaborativo é uma ferramenta importante para que a escola consiga ofertar uma educação de qualidade para os alunos público alvo da educação especial, porém geralmente é comum encontramos escolas que não conseguem desenvolver uma proposta pedagógica inclusiva por falta**

desse diálogo entre a sala de recursos multifuncional e a sala regular de ensino.

8. O AEE PODE OCORRER FORA DO ESPAÇOESCOLAR? **Não, o atendimento educacional especializado acontece nas salas de recursos multifuncionais, esses espaços pertencem ao ambiente escolar, fora dele o indivíduo realiza terapias com equipe multidisciplinar, caso seja necessário considerando as necessidades específicas do mesmo.**
9. VOCÊ ACHA QUE É ESSENCIAL PARA O ALUNOCOM TEA PARTICIPAR DAS ATIVIDADES COM OS OUTROS ALUNOS DA SALA REGULAR? **Sim, essa vivência possibilita aprendizagem para todos os alunos que compõe está sala de aula, é preciso respeitar e celebrar a diversidade humana.**
10. COMO EDUCADORA DA SALA DE RECURSO, O QUE VOCÊ PRETENDE FAZER PARA ATENDER A NECESSIDADE DE ALUNOS QUE POSSUEM A DEFICIÊNCIA? **Tenho como objetivo diminuir ou eliminar toda e qualquer barreira que impeça o aluno público alvo da educação especial de se desenvolver, vislumbrando uma educação significativa que promova sua autonomia e que potencialize suas habilidades.**